

NA CRISTA DO DILEMA

Na última Bienal estavam cinco gigantes. Como um altar de cinco alas, itavam eles o visitante despreparado com suas cabeças vazias e seus ventres vazios. Refletores lançavam luz sobre o seu óleo massificado em formações montanhosas e sombras sobre os vales escavados e tumultuosos sobre os vales da morte nos corpos dos colossos. Assim, Samson Flexor, o nosso Brueghel, clamava pela nossa conversão pela tomada da consciência de nós mesmos. Como o torso de Rilke estes quadros gigantes diziam: "deves alterar tua vida".

Desde então algo aconteceu. Os poucos meses que nos separam da Bienal foram com que os gigantes de Flexor tenham abandonado a sua atitude de advertência horrível e assumido a atitude ameaçadora da crueldade. No seu atelier estão surgindo agora, do colo aberto e fértil da sua profecia desentredada, cinco criaturas utópicas, para pôr em questão aquilo que somos. Uma delas já foi dada. A luz deste mundo há poucos dias, (se a que ainda temos o direito de falar em "luz" neste contexto). A sua fotografia acompanha este artigo. Ao tentar descrever este monstro, procurarei manter fidelidade ao seu texto, e portanto procurarei pôr entre parênteses os meus diálogos semanais com Flexor. (isto é, procurarei eliminar-me e eliminar o próprio Flexor). Na medida do possível. Porque ambos tere-

mos um jeito sub-reptício de infiltrar-nos nas considerações seguintes.

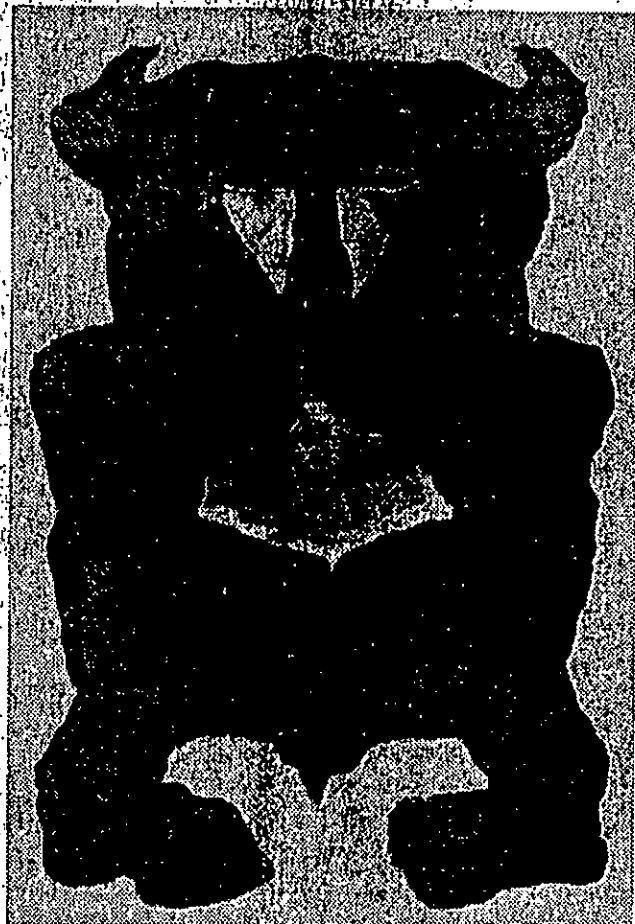
Um touro antropomorfo procura hipnotizar-nos e pôr-nos em transe. A verdade que a sua masculinidade não é a grande coisa, é a despeito do seu nome. "O Minotauro" não conseguirá ele seduzir, a meu ver, a muitas virgens como ídolo da fertilidade. Ele as devorará. No entanto, embora não seduzidas, O nada bulboso na sua goela demagógica e nos seus olhos demôniosos (que farão lembrar, estou certo, algumas mães esquecidas, porque inesquecíveis, grimaças hierlíricas), atrai, até sem sedução, negativamente, e suga, rumo ao abismo, e eis aquela náda visceral e cerebral que sempre tem sido a utopia da decadência, por exemplo o nirvana budista antihedonista dos hipnóis. A barriga vazia clama por esta náda, e o cérebro vazio o busca, até que finalmente, ele apareça no fundo de tudo.

Mas ainda não invade tudo. Podemos vislumbrá-lo por enquanto, apenas pelas fendas. O touro, por trás do qual nada se esconde, e o qual portanto nada representa, não passa, por enquanto, de três janelas para o nada. Sómente depois da queda, nele, depois de termo-nos precipitado dentro dele, (no sentido camusiano da queda metafísica), somente depois seremos aniquilados. O touro, em sua tourada, é sólido e digno de toda confiança, (se resolvermos esquecer por um instante as

suas fendas). Obviamente, ele não é humano. Quem poderá ter confiança no homem? E, de toda forma, esta criatura progressista já ultrapassou há muito, o mero humanismo. Mas nem sequer é animalesco, a despeito da sua brutalidade. Porque, os animais, eles também não passam de hóspedes e estrangeiros neste mundo de coisas. Uma formação geológica, eis o que ele é, o homem terrestre, o animal terreno, terra da terra, terra voltada terra.

Mas, e as suas pernas? Não desmentem o chão, com desdém, o "terra a terra" do touro? Não podemos afirmar a seu respeito que elas, eleyam o touro orgulhosamente, por cima da terra, a fim de unilo a ela. Onticamente. Estes membros atrofiados e tortos, com seus cascos brutais, suas unhas e botas parafilares, atestam a base fundamental sobre a qual o homem colossificado assenta. É ele um aborto incapaz de sustentar-se nas pernas. Uma montanha que vacila, uma serra cambaleante.

O touro tem pernas tortas. Em compensação, tem chifres tortos. Na sua testa larga e baixa, que se enrugina cinzenta e parda, e em cujos vales reaparece o vermelho manchado em manchas que lembram o sexo, nessa testa surgem os chifres e ameaçam. Aquilo que o touro reprimitu nas pernas, sublima nos seus chifres. Não em chifres que apontam o superior, o sublimé. Mas em chifres, os



"Le Minotaure" 1968

quais, se e quando baixados, rasgam e dilaceram. Chifres portanto que apontam o baixo, o inferior, o inferno. Assim, compensam as pernas. Embora não possa perambular o homem colossificado, embora as pernas dobrem debaixo do seu pe-

so insuportavelmente chelo de si mesmo, pode o homem colossificado coxear por sobre os chifres tortos do seu dilema. Daquele dilema que rasga e dilacera o seu próprio corpo, e tudo ao seu redor, com as pontas afiladas dos seus chifres. Auto-

Estado de S. P.
6 de Maio 1968

iterário

Vilém Flusser

tauromaquia. Corrida na qual o touro corre em perseguição do matador escondido no touro. Olé.

O dilema dentro do qual o touro nos lança, a escolha que ele nos propõe, pode ser formulado muito simplesmente, já que o touro é um monstro extremamente simples. A fórmula é esta: ou tudo, ou nada. A escolha, diz ele, é inevitável, não temos outra, e este estreitamente catastrófico das nossas saídas caracteriza, segundo ele, a situação na qual nos encontramos atualmente. Por isto o Minotauro se põe como auto-retrato do último terço do século vinte. Em outras palavras é isto que ele afirma: devemos optar entre o radicalmente concreto (o corpo montanhoso e nojentado do touro) e o radicalmente abstrato (o vazio sem fundo nas suas fendas).

Consideremos, por um instante, aquilo que os seus dois chifres apontam. Se formos seguir o primeiro, estaremos integrados na circunstância concreta, plena e rica das coisas, com seu tumulto isento de sentido. É isto que faz não apenas o cidadão bem integrado, mas também aquela juventude em aparente rebeldia que vibra em simpatia mecânica com instrumentos de percussão e vozes privilegiadas. Neste caso passaremos do estágio humano pelo estágio animal ao estágio sólido da formação geológica, da massa. Os nossos movimentos, de líquidos e imprevisíveis,

passarão a ser dirigíveis e manipuláveis pelas leis da geologia. Passaremos a ser agitáveis telúricamente. Esta é uma das nossas escolhas.

Se formos a seguir o segundo chifre, passaremos a diluir-nos nas névoas da pura abstração, no mundo dos símbolos e das equações reduzíveis a zero. Penetramos os abismos intergalácticos e interatómicos; as fendas entre as informações genéticas, os vazios no fundo do inconsciente, os vácuos revelados pela especulação filosófica da atualidade, a escada infinita que sobe de modelos em busca de metamorfoses. Essa torre de marfim é habitada não apenas pelos cientistas e pelos artistas puros, e pelos filósofos de determinadas tendências, mas ainda por outra parte da juventude: por aquela que abdicou e delita nas estações das estradas de ferro das grandes metrópoles desenvolvidas. Passaremos a ser super-humanos, no sentido de isentos de valores. Os nossos movimentos sossegarão, seremos imóveis e não agitáveis. Esta é a segunda das nossas escolhas.

Aut: Aut, isto é: anti-intelectualismo brutal e sem sentido, ou intelectualismo sem valor e sustento. Mas o touro de Flexor é muito mais nítido ainda: anti-intelectualismo como janela para o intelectualismo. Diz ele: é preciso passar pelo sem sentido da coisa para cair no sem valor do nada. É preciso passar pelo cor-

po telúrico do touro, para precipitar-se nas suas fendas. A brutalidade como janela para a negação, a crueldade crua como caminho para a crueldade pura: eis o Minotauro.

É o homem do futuro imediato. O aborto da tecnologia, o funcionário, o medo de drogas psicossomáticas, o infra-super-homem, é como se a dupla natureza do homem, sua participação tanto da natureza como do espírito, tivesse explodido em fissão óptica e irrecuperável. De forma que o homem deixou de ser natureza e espírito, mas é ou espírito ou natureza. Portanto ou espírito mau, (no sentido de espectro), ou natureza crua, (no sentido de coisa). E se o homem amadurecerá como o touro: natureza crua na superfície, espírito mau no fundo. Esta é a profecia desenfreada de Flexor.

Contemplem o touro. Um ser do futuro aqui e agora. Portanto futuro apresentado, futuro presente. Mas não será isto uma forma de destruir uma virtualidade apresentando? Sonhos são mortos, quando realizados. Também pesadelos. O touro, na sua corrida para o futuro, é o matador do futuro. Deste seu futuro, que poderá ser o nosso. Mas que deixará de ser o nosso, se e somente se, tomarmos consciência de nós mesmos em profecias como aquela de Flexor. Pelo menos esta, é o meu desejo ardente.